

Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXIII | #139 | set/out 2014



Montanhismo
Reduzindo peso na mochila
Galápagos - Equador



Aonde você for!



Mountaineer 40+5L
Tecido resistente.

Calça Guider
Reforços em Cordura®.

Segunda Pele ThermoSkin
Conforto térmico.

Camiseta Silver Fresh
Proteção UV 50+.

Bermuda Urban
Conforto e mobilidade.

Bonê Expedition
Proteção UV 50+.

ERGONOMIA, FUNCIONALIDADE E DURABILIDADE.

Produtos que agregam conforto e segurança para suas atividades ao ar livre. Aonde você for!

www.curtlo.com.br

Internacional

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Essa coluna não é uma coluna de fofoca. nem tampouco jornalística. também não essencialmente de notícias, já que com a velocidade da internet, as novidades internacionais rapidamente são espalhadas por sites e redes tornando-se não mais notícias... vejo meu espaço como impressões de minhas leituras e observações dos escaladores por aí. Cabe então ao leitor a reflexão de compararmos, juntos, a cultura local de escalada, do seu bairro, cidade, comunidade, com os costumes, hábitos e impressões do mundo. Só assim a gente forma uma opinião, a gente tem argumento, e a gente se identifica, cria identidade, toma exemplo pra vida.

Brasileiro é conservador por demais em muita coisa. Em tempos de copa, mulata e futebol, leva fama de liberal, mente aberta e boa gente. Mas por aqui a coisa não é bem assim. Brasileiro é baírrista, proteccionista, desconfiado. Brasileiro protege seu lugar de escalada e olha, nem sempre com bons olhos, os de fora ou os que agem diferente, é homofóbico e preconceituoso por vezes, além de ter seu código invisível, não é nem de ética, é um interno, combinado, acertado entre um grupo. Brasileiro leva fama de descolado, mas vai ao mesmo local de escalada toda a semana e se acomoda de não viajar nunca. Muitos se

arrumam sempre com a mesma roupa, e nem é de acordo com a tecnologia, é mania mesmo, ou modismo. Por aqui temos clubes, federações, associações, mas muito são divergentes, inimigos, e não agem junto, por esporte, agem como grupos como se tivessem interesse divergentes. As mulheres do Brasil são as mais famosas por sua beleza, mas o machismo ainda existe não só entre os homens, como também entre essas mesmas mulheres, sinal declarado de um conservacionismo irracional. Brasileiro se apega muito mais a relacionamentos que não dão certo, mantém por muito mais tempo um emprego que não satisfaz e dá mais valor a aparência que qualquer outra nação desse mundo. Mudar de time, de estilo de escalada e de opinião para muitos é caso raro, milagre, ofensa. Mudar de vida, mais raro ainda. Então a gente viaja por aí e o que mais vê é todo mundo se reinventando. Mudando de emprego, de vida, deixando a velha opinião formada sobre tudo. São casais antigos e conhecidos se separando, como a Colette e Joe Kinder e tudo bem. É casal construindo casa, onde antes vivia com motorhome, como a Nina Caprez e o marido, também escalador. É Sasha DiGiuliam entrando na universidade e decidindo não ser, por assim dizer, somente, uma das

melhores do mundo. É Chris Sharma deixando praticamente as competições e se dedicando a diversos ramos de business: academia de escalada, hostel, turismo. Daila Ojeda também, segue o mesmo caminho, aperfeiçoando o inglês, deixando a vida pacata, e se jogando no mundo, em diversos projetos, viagens, amigos e novos horizontes, com e sem Chris. É escaladora, que é também professora de yoga, como a Olivia Tsu. Outros escaladores antigos, deixam de competir, e abrem escolas de escalada para crianças, como o caso da mãe da prodígio Brooke Raboutou, recomeçam, reinventam. Outras engravidam, mudam a rotina, e voltam a escalar, agora com suas crias, e isso graças a deus a gente começa ver cada vez mais em nosso país também, sem o peso de mulher não faz isso, e com filho então fica em casa e pronto. Mas a verdade é que somos um pouco engessados sim. Somos mais preocupados com a aparência, com o status social, com a hierarquia, somos mais ligados ao que os outros acham ou dizem. Lá fora você trabalha de pedreiro, guia ou médico e todo mundo te olha do mesmo jeito. Se fizer faculdade, bom pra você, mas isso não interessa a ninguém. Chegar com uma calça rasgada, a maioria vai pensar, deve ter rasgado ou, olha um rasgo, ou nem pensar nisso. Mas aqui

galera já conclui desleixo, pobreza ou já tacha de hippie, ou se pergunta, por que fulano está com essa calça? Por que não usa calça colada como todo mundo, ou bermuda calça se for homem? Claro que se cuidar é fundamental, higiene, aparência e tudo que nos ensinam desde pequenos. Mas meu deus, a vida é sua, conviva em sociedade, faça a sua parte, mas tenha liberdade para se vestir, ser e pensar como quiser. Com certeza vai sobrar tempo então, de ler um bom livro, como a gente SEMPRE vê em ônibus ou avião os gringos lerem enquanto a gente está no celular, de tomar algo com um amigo, de conversar sobre filosofia, política e literatura, ao invés de comentar de um ou de outro, e vai ter tempo também pra pensar na sua própria vida, no que te motiva ou é realmente importante pra você, vai ter tempo de refletir sobre seus gostos e valores sem se importar em julgamentos, conselhos e normas ditadas por uma sociedade. Uma sociedade bem injusta, diga-se de passagem. Boas escaladas e um desejo de muitas viagens nacionais e internacionais pra todos, pra observar o novo, o bom e o ruim, mas pra, acima de tudo, deixar o baírrismo, o estreito, o "certo" de lado pra sempre. Conserve o bom, sem se esquecer da já bem conhecida sentença: a unanimidade é burra.

Novas companhias, novas viagens

Transglobe
Para uso como mochila ou mala de mão. Bolso frontal destacável virando mochila de ataque. Capa de chuva e armação embutida. Tecido de alta resistência.

Trilhas Orbi
Bolsa de viagem com rodinhas, alça telescópica e um dos compartimentos em estrutura rígida. Super reforçada. Possui pontos refletivos.

Trilhas Pilatt
Para pequenas viagens e dia a dia. Super reforçada. Três bolsos externos, grande espaço interno, fundo rígido e pontos refletivos.

Com rodinhas e alça telescópica.

Bolso frontal vira mochila de ataque.

TRILHAS & RUMOS

www.trilhaserumos.com.br
R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudom - Teresópolis - RJ - (21) 2742-9652 - Fax: (21) 2742-5781

Vestuário

Mochilas

Sacos de dormir

Acessórios

SUA EXPERIÊNCIA É ÚNICA

www.solobr.com

SOLO
VISTA SUA LIBERDADE

Estágio para “Serra Pelada”



Texto: André Berezoski
Imagem: Marcelo Balestero

Transportando “esse cenário” para o microcenário da escalada, podemos dizer que os garimpeiros verticais são os route setters dos diversos ginásios espalhados pelo Brasil e mundo afora, carregando baldes de agarras parede acima (salvo os ginásios que possuem grua) para transformar aquele montinho de “pedras” em uma linha de escalada, uma pintura, uma arte, seja para uma criança, iniciante ou competidor.

Mas nos bastidores deste trabalho existe muito assunto, muitos detalhes, e muito empenho para uma obra que no fim das contas não será eternizada como uma via aberta em rocha ou um quadro pintado, ela será montada, escalada, discutida e analisada, por vezes criticada, e depois de um período será desmontada e suas agarras darão lugar a outra linha, em outra parede nas mãos de outro route setter e assim por diante. Ao contrário do que a maioria dos usuários de ginásio pensa sobre uma via ou Boulder montado, que é só espalhar algumas agarras na parede e marcar com fita e estará pronta, qualquer linha montada pede um planejamento minucioso, desde a escolha da parede, que pode ser positiva, vertical, negativa, teto.

Quanto metros de altura? Qual grau proposto? Entre 3º a 10º? Qual estilo? Técnico ou acrobático, força ou resistência, estático ou dinâmico? Quem vai escalá-la, o já cliente de ginásio ou feita para competição? Depois vem a escolha das agarras: grandes e boas, regletes, bidedos, abaolados, pinças, etc. Todos os dados acima só estão relacionados ao planejamento feito no chão, ou

seja, na parede a história é um caso a parte, pois a logística e técnicas de segurança tanto para o route setter se manter e progredir na parede, assim como para os clientes é algo fundamental neste serviço, e é a parte mais complicada e cansativa, pois estar entre 1 a 3 horas pendurado, com a cadeirinha machucando, com a telha esquentando o ambiente e você suando que nem “tampa de marmitta”, e ainda conseguir pensar em movimentos diversos, não repetitivos e complexos e com um balde de agarras te puxando pra baixo, isso definitivamente faz qualquer entusiasta a route setter pensar duas vezes antes de se aventurar nesse serviço.

As vezes surge alguém que queira experimentar e aprender a montar vias, levados pela motivação de ter mais vias na parede, não se dão conta de tal complexidade e ainda assim se dispõem a fazer uma tentativa de deixar sua assinatura na via, porém, em 99% dos casos, para quem não tem experiência, uma hora vira duas, três, que vira o dia inteiro, ou dois dias, e que finalmente descubrem que mesmo após tanto empenho, por análise própria, ou de terceiros, a linha não ficou exatamente como imaginado, e de quebra o autor é quem será massacrado com comentários diversos, são raros os casos em que realmente se descobre um talento nato para este serviço e que acima de tudo esteja preparado e sujeito a tanto sacrifício por uma linha e que descubra algo que goste de fazer.

Obviamente que, como em qualquer trabalho, com a repetição as técnicas melhoram, o repertório de movimentos aumenta consideravel-

mente, a própria evolução de equipamentos e ferramentas traz um alívio, porém, ainda assim existem dois caminhos para montagem das linhas, a primeira seria de vias digamos “industriais ou automáticas”, que são linhas em que os movimentos se repetem em diferentes graus, o repertório se limita a não ter que elaborar nada mais enigmático ou detalhado, ou seja, a famosa receita de bolo de Chocolate, é só dar um Google, que aparecem milhares de receitas, e todo mundo gosta.

O outro caminho é mais raro de acontecer, onde assim como um bom quadro, sem planejamento ou após um período sem montar vias, a inspiração e o momento simplesmente acontecem, desde a escolha das agarras, o feeling de que algo interessante está por nascer já ronda o ambiente e o público delira em escalar algo onde, cada descoberta dos trechos, detalhes das agarras, e estilo geral, fazem total diferença das demais vias.

Outra grande diferença são as vias montadas para fins comerciais, nos ginásios e as linhas para competições. As comerciais devem atender à demanda de usuários, de iniciantes a competidores, de diaristas a mensalistas, com movimentação didática onde os instrutores tenham como aplicar movimentos diferenciados do cotidiano do iniciante e inserir técnica através das vias, além de um planejamento para que a via seja trocada constantemente, porém, se tratando de uma área grande de um ginásio de grande porte, este serviço depende de uma força tarefa grande para manter novas linhas sempre. E isto se trans-

forma em um sério problema para os proprietários, pois conseguir mão de obra que “espalhem” agarras na parede já não é fácil, imagine então mão de obra de qualidade e motivada para tal serviço? Já as linhas de competições, estas devem cumprir o papel de trazer a tona o escalador mais completo, sem deixar de satisfazer todos os inscritos, o que dificilmente acontece com quem não ganha uma prova e como só temos um vencedor, todos os outros estarão insatisfeitos com algum detalhe, mas o mais importante além de definir um pódio, é conseguir conciliar vias difíceis, com inteligência e que sejam atraentes do ponto de vista do público, pois como se trata de provas sempre longas, cativar o público presente depende muito de inovações e de algo que realmente impressione, do leigo ao expert no assunto.

Cada route setter tem seu estilo, sua assinatura, uns mais técnicos outros físicos, mesmo assim toda e qualquer via tem seu valor e deve ser respeitada, mesmo que não agrade a uns, pode fazer a cabeça de outros.

E no fim das contas o route setter sempre será o coadjuvante de uma competição, pois os holofotes e atenção sempre estarão voltados para os favoritos e vencedores das provas, e assim como em “Serra Pelada”, alguém se dedica e sobrevive deste trabalho árduo para que outros possam usufruir. Seja de um belíssimo artefato de ouro, encadenar uma via no ginásio ou vencer uma competição.

André Berezoski, atleta apoiado Conquista, 5.10, 4Climb.

Seja Aventureiro

HI-TEC STORE:

TODOS OS PRODUTOS DE AVENTURA EM UM SÓ LUGAR!
CONHEÇA A LOJA ON-LINE OFICIAL DA HI-TEC E GANHE

20% DE DESCONTO

NA SUA PRIMEIRA COMPRA.

CUPOM DE DESCONTO:

MV020

WWW.HI-TECSTORE.COM.BR



ENTREGA EM TODO O BRASIL
FRETE GRÁTIS NAS COMPRAS ACIMA DE R\$ 100,00
1ª TROCA SEM CUSTO PARA O CLIENTE

WWW.HI-TECSTORE.COM.BR

HI-TEC®

INSPIRED BY LIFE



A Serra dos Cristais

Ela aparece como “Morro Grande da Ilha” nas cartas topográficas mais antigas, mas atualmente seu nome deriva do quartzito q preenche suas encostas. É a Serra dos Cristais, modesta elevação que se destaca a oeste de Cajamar, e alcançar os quase mil metros de sua abaulada crista de pasto varrido. É uma experiência breve, porém gratificante, que descortina bela panorâmica dos picos ao norte de Santana do Parnaíba.

JORGE SOTO | SP

Pra esticar o programa para um dia cheio e puxado, eu e a Lau resolvemos sair da simpática Pirapora do Bom Jesus, bordejar o espelho d’água da represa local, palmilhar o imponente serrote pra findar no bairro rural do Ponunduva. Uma “peregrinação natureba” pra fazer jus à tradição da Serra dos Cristais, palco de romarias de todo tipo.

Desta vez não foi preciso madrugar como de costume, razão de estar iniciando esta perna já quase no meio da manhã. Sem pressa, eu e a Lau desembarcamos na estação de Barueri e imediatamente fomos pra avenida logo ao lado, aguardar a condução sgte. Não tardou em passar o latão rumo Pirapora do Bom Jesus, uma vez que opções de transporte coletivo até lá não faltam. A viagem transcorreu sem grandes intercedências, sendo que no decorrer da mesma aproveitamos pra apreciar a paisagem mutante da acinzentada Barueri dando lugar a rural verdejante de Santana do Parnaíba (“Berço dos Bandeirantes”, como diz o portal de entrada), pra findar logo depois na pacata e bucólica Pirapora do Bom

Jesus, esta por sua vez grande ponto de peregrinação de São Paulo. Saltamos em Pirapora do Bom Jesus por volta das 10hrs da manhã e aproveitamos pra dar uma rápida volta na cidade antes da perna própria, uma vez que a Lau nunca havia pisado aqui. Passeamos pelas simpáticas e coloridas ruas do centro, pelos belos traços barrocos da Igreja Matriz de São Bom Jesus de Pirapora e até pelo “Portal dos Romeiros”, mas o que chamou a atenção da Lau foi o Rio Tietê, que aqui marulha mansamente, porém recoberto de esbranquiçada e fétida espuma. Pois bem, cruzamos a ponte João Minto e tocamos calmamente por toda Av. Jundiaí, agora na outra margem do Tietê, como se subíssemos o mesmo. Conforme se avança, as últimas residências de Pirapora vão ficando pra trás, aos poucos, até que nos vemos palmilhando um estradão de chão batido que basicamente acompanha o espumante curso d’água. Este com direito até ilhotas rochosas no meio. Visivelmente reparo que a estrada vai de encontro a junção de um enorme morro pelado com a Serra do Capuava - visão que se assemelha a um

cânion sem arestas tão abruptas – onde decerto há uma barragem que intercepta o Tietê.

Dito e feito. Ignorando a bifurcação a esquerda que leva a Faz. do Salto, a estrada principal empina um pouco, mas é aqui que nos damos o luxo de tocar por uma ramificação da direita que nos leva próximo da Represa de Pirapora, devidamente sinalizada, cujo rugido já era audível a um tempo. O percurso não da nem 600m (pelo menos até onde é permitido ir) e num piscar de olhos nos vemos ao lado do furioso estrondo da barragem, que remexe a tal modo as águas do Tietê e as torna espumosas pelo resto do trajeto. E posicionados ali, numa espécie de mirante a beira da íngreme encosta do morro, temos uma bela vista de um esbranquiçado Tietê tomando seu curso rumo Pirapora, em meio a baixa morraria.

Voltando a poeirenta via principal – q atende pelo nome de Estrada Municipal Francisco Missé - começa então uma subidinha considerável que contorna o “Morro da Barragem” pela esquerda que, uma vez no alto do selado de ligação com as colinas sptes, revela tanto bela vista da continuidade do espelho d’água do Reservatório de Pirapora, a nordeste, como da escarpada Serra do Japi, ao norte. Daqui nosso caminho desce suavemente e volta a acompanhar a represa pela sua margem esquerda, sempre sentido nordeste, eventualmente adentrando em suas pequenas e sinuosas “baías”. A vegetação em volta é abundante, mas eventuais frestas permitem vislumbre dos remansos plácidos do espelho d’água da mesma, onde garças e outras aves fazem a festa.

A perna é agradável e tranquila, e segue nesse ritmo compassado por

um bom tempo, onde raros veículos ou bikes cruzam nosso caminho. Os destaques neste trecho que bordeja a represa ficam por conta de alguns resquícios de construções (pórticos) abandonados, uma chácara ou sítio aqui ou ali, os imponentes e verdejantes contrafortes da Serra do Porto, um trecho de reflorestamento de pinus com belos rochedos a beira da via, mas principalmente vestígios de romarias ao longo de toda estrada, no caso, cruzeiros dispostos a cada 2km representando em ordem decrescente as estações do calvário de Jesus.

Pois bem, após passar pela entrada da Faz. Caciue e a Comunidade Refúgio em Jesus, lá pelo meio-dia e pouco a estrada passa pro outro lado do reservatório pelo que parece ser um largo e compacto aterro que separa as águas do Tietê. Daqui já se tem o primeiro vislumbre do abaulado domo dourado da Serra dos Cristais, elevando-se significativamente a leste. Um pouco mais adiante tropeçamos com a capelinha de Santo Antonio, cujas cores rosadas a tornam mais simpática. Ali, abandonamos a via principal (que toca para o bairro do Ponunduva) pra tomar outra mais discreta á direita, q vai em direção ao sopé da Serra dos Cristais, agora na direção sudeste. O local é inconfundível devido a um pé de ameixa repleto de fruto, que fez a alegria da Lau.

A perna então prossegue tranqüila no mesmo compasso, bordejando a base da serra almejada com pouca variação de desnível. A estrada é bastante precária e está repleta d e um sem-número de cruzeiros, minúsculas capelinhas e até estatuas de São Jorge em sua margem esquerda. Mas uma bifurcação não demora a surgir, onde uma faixa remanescente d’alguma peregrinação (“26ª Romaria da Serra dos Cristais



rumo a Pirapora do Bom Jesus”) confirma que estamos na direção certa. Neste cruzamento abandonamos então a via palmilhada, que desce forte pro sul em direção ao fundo vale do Ribeirão Ponunduva, e tomamos o ramo da esquerda que vai na direção desejada, isto é, subindo suavemente a serra pro leste. Fazendo visivelmente uma curva, logo percebemos que a via aparenta retornar pro vilarejo rural de Ponunduva, mas é ai que tomamos um caminho que toca em direção ao alto da serra. Uma decida seguida de uma forte subida marca este início de ascensão da serra, sempre bordejando sua encosta forrada de mata. Latidos estridentes na última chácara (entocada irregularmente na encosta) nos dizem adeus a civilidade e assim começamos a subir de fato a encosta serrana em largos e íngremes zig-zagues, que logo demandam fôlego extra da Lau.

A estrada a muito já deu lugar a uma picada que, erodida a não poder mais, ora se alarga ou estreita. Conforme ganhamos altitude a vegetação diminui de tamanho permitindo vislumbres generosos ao redor. Mas a exatas 14hrs dou um desconto pra Lau que, exausta, sente o peso da ininterrupta caminhada até então. Escolho pra pit-stop um trecho lajotado da trilha que, com jeitão de mirante

mesmo, revela uma grandiosa panorâmica do quadrante oeste de toda aquela região: Serra do Voturuna, Morro do Capuava, Pirapora do Bom Jesus e braços do reservatório homônimo, a Serra do Porto, etc.. Ou seja, avista-se todo caminho feito até então, inclusive a capelinha cor-de-rosa de Sto Antonio, pequenina, la embaixo!

Após dar uma rápida sondada ao redor enquanto a Lau descansava e beliscava alguma coisa, retomamos a caminhada de modo a subir o que restava da serra. Aqui há varias trilhas que tocam em varias direções, mas todas se encontram inconfundivelmente uma hora ou outra, não tem erro. Perguntei pra Lau se desejava prosseguir por uma picada que tocava direto pro alto através de uma pirambeira bem íngreme e empoeirada, ou pela sua variante suave que ladeava a encosta de capim. Claro que optou pela segunda opção. E assim fomos bordejando a suave encosta norte da serra, que descortinava um outro panorama a nossa volta, principalmente a sequência de escarpas serrilhadas da Serra da Sapoca, Guaxinduva e Japi, que basicamente preenchem todo aquele quadrante. Em questão de poucos minutos emergimos no abaulado topo da Serra dos Cristais,

onde a vista realmente justifica toda camalagem até ali. Na verdade o topo da serra é numa enorme e larga crista de pasto e capim dourado varrido pelo vento, dominada por 3 corcovas maiores, sendo que a maior tem quase mil metros de altitude (pela carta). A paisagem lembra muito a de qualquer pico na Serra do Cipó (MG) ou dos campos do Quiriri (SC). Sim, o desnível em relação a Pirapora é baixo (coisa de 300m), mas é significativo se levar em consideração a topografia da região. Uma vez no alto bastou apenas caminhar tranquilamente ao largo de toda crista da Serra dos Cristais, sentido leste. A trilha é óbvia e bem evidente, não tem erro, e alguns trechos é possível encontrar lascas do minério que empresta o nome á serra. Num sobe e desce tão brando quanto agradável naquele mundão de descampados, é preciso ter cautela (não fazer barulho!) apenas ao atravessar alguns focos de arbustos devido a presença de colméias. Mas uma vez no pontão mais alto daquele belo e espichado serrote, é possível ter uma generosa panorâmica de 360 graus com direito a todo quadrante leste e sul, de onde destoa principalmente a inconfundível “orelhinha metálica” q coroa o “Morro da Placa”.

Percorrida toda a crista da serra é chegada a hora de descer, e é ai que analiso visualmente qual o melhor caminho para isto. Reparo em bifurcações na direção sul, descartadas justamente pela distancia que ainda nos separa de Cajamar. E assim busco alguma variante na direção norte, sentido bairro de Ponunduva, onde é possível tomar condução de volta. Após descer um tanto atrás duma vereda que ganhe um estradão a leste, sem sucesso, decido retornar até o cocoruto maior da serra onde consigo avistar um corte partindo dele que vai no sentido desejado.

E tome novamente subida, pra sufoco da Lau, mas aos trancos e barrancos bordejamos a encosta sul da serra até dar na tal picada avistada. A vereda de fato desce e segue pro norte, onde é possível ver todo seu sinuoso trajeto ate dar no bairro desejado. Contudo, metade deste caminho inicial é praticamente verticalizado, demandando cautela e cuidado. E assim, aos poucos, vamos descendo por aquela trilha de terra, pó e capim, terrivelmente escorregadia, onde qualquer vacilo significa deslizar serra abaixo! Se a subida foi sufoco pra Lau, que sentia o peso do descondicionamento, imagina este descidão vertical! Mas como ela já encarou noutros carnavais coisa bem pior, esta pirambeira foi tirada de letra, ora descendo de lado ou sentada mesmo! Muiê retada essa, só!

Uma vez la embaixo, bastou tocar o restante dos cocorutos menores de pasto, cruzar alguns focos de mata e pronto, já estávamos nos fundos de uma caixa d’água que nos da as boas vindas ao bairro do Ponunduva, no caso, nos fundos do loteamento Santa Inês. Uma última olhadela de adeus a Serra dos Cristais por sobre o ombro, agora ganhando tonalidade

avermelhada com o sol do entardecer, e seguimos em frente. Caímos então em uma estrada maior até dar num minúsculo botequim, as 16:15hrs, onde pegamos algumas informações. Pra variar, o busão q cobre aquele cafundó tem horários bem irregulares, mas o entregador de bebidas do moquifo (que ali estava, no momento) nos ofereceu carona pra Jordanésia em troca de miseros “Deiz Reall”, negócio que eu e a Lau não pestanejamos em aceitar! Mas, claro, somente após tomar uma cerveja litrão no estabelecimento! Afinal, somos todos “Filhos do Homi”, né?

Como foi dito na introdução, a Serra dos Cristais é programa breve e tranqüilo, e o roteiro deste relato só foi vitaminado de modo a preencher um dia inteiro, a partir de Pirapora. Contudo, o melhor acesso direto aos morros é a partir de Cajamar via Estrada Flávio Beneducci. Há condução para o bairro do Ponunduva, mas como foi já dito é bem irregular. Mas aí é só questão de se informar. Ou aproveite o dia num rolê mais exigente emendando o “Morro da Placa” e a Serra dos Cristais, pois são elevações bem próximas. Você decide. Dessa forma é confirmada mais uma vez que nesta região os atrativos vão bem além de suas tradicionais romarias e peregrinações, e suprem a contento quem busca uma descompromissada chinelada por picos menos (ou nada) conhecidos.

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br

Penatrilha

Rua Apeninos 803 São Paulo SP
11 3562 1801



Embarquei no dia 03 de abril com destino á Kathmandu com meus companheiros e amigos Carlos Santalena e Eduardo Sartor Filho, ambos sócios da empresa Grade6 onde trabalho como guia/instrutor de montanhismo e escalada. Iriámos guiar um grupo de 12 brasileiros com roteiros distintos no Himalaia, alguns iriam até ao Acampamento Base do Everest (5.350 mts), outros iriam escalar o Island Peak (6.189 mts) e um cliente tentaria o cume (8.848 mts) junto com Carlos.

Nossa jornada se inicia em Guarulhos onde voamos até Doha no Qatar, esse vôo tem duração de aproximadamente 14 longas horas, de lá pegamos outro vôo para Kathmandu, a capital do Nepal. Contando todas as horas entre vôos e tempo de espera em aeroportos a viagem contabiliza aproximadamente 25 horas, uma imensa jornada para alcançarmos o continente Asiático!

Chegar em Kathmandu é um choque cultural, o trânsito é caótico, as religiões são totalmente diferentes dos padrões que estamos acostumados no Brasil, o clima é seco, mas era muito bom finalmente estar no Nepal. A ideia era ficar alguns dias em Kathmandu, recepcionar os clientes e embarcar em um vôo interno para Lukla no dia 08. Nos hospedamos no bairro do Thamel, um grande centro comercial, com ruas estreitas e a loucura de sempre. No primeiro dia do roteiro visitamos o principal templo hinduísta e budista no Nepal, á tarde passamos nas lojas de montanha para acertar o resto do equipamento de nossa viagem.

Acordamos bem cedo no outro dia, por volta das 04:00 da manhã, tomamos um breve café da manhã e fomos para o Aeroporto, nosso destino era a pequena pista de pouso em Lukla (2.840 mts), esse vôo tem duração de 45 minutos. Depois de uma turbulência sinistra chegamos ao nosso destino. No mesmo dia caminhamos por

3 horas até atingir o vilarejo de Phakding (2680 mts), lá descansamos e dormimos essa noite.

Na manhã do dia seguinte um belo café da manhã ao som do Rio Dudh Kosi, que significa “rio de leite” por causa de sua aparência esbranquiçada, partimos para Namche Bazaar (3.440 mts) a capital Sherpa. Essa trilha possui subidas e pontes tibetanas que realçam cada vez mais a beleza e relevo do local. Foi exatamente nessa trilha que eu comecei a sentir a energia que esse trekking tem, não é algo que consiga descrever em palavras, mas você se sente “abençoado” por poder estar naquele lugar tão belo e imponente ao mesmo tempo. O povo Sherpa tem um encanto próprio, nunca estão de cara fechada, sempre te recebem com muita generosidade e felicidade, temos muito o que aprender com eles...

Após 5h de subida chegamos em Namche, a vista é realmente impressionante, uma verdade “cidade” construída na encosta de uma montanha, se tornando o maior centro comercial e administrativo de todo o vale do Khumbu. Em Namche dormimos 2 noites, sendo que no segundo dia vamos até Syanboche (3.800 mts) para uma melhor adaptação do nosso corpo à altitude, é de lá que temos a primeira vista do Everest, não da montanha toda, mas apenas um ponta negra que se sobressai com sua “fumaça” sempre no

topo.

De Namche partimos para Tengboche (3.867 mts), lá está o maior monastério budista do Khumbu, um lugar realmente mágico, todos tem a oportunidade de assistir uma cerimônia com os monges. Desde ponto a temporada já se mostrava bem nevada, em todos os dias nevava no final da tarde até de noite! Uma dica é comer um doce de maçã na famosa Bakery de Tengboche, simplesmente maravilhoso. Pernoitamos em Tengboche e logo cedo fomos para Pangboche (4.000 mts) visitar o Lama Geshe, um dos mais importantes monges budistas do Nepal, o objetivo era receber uma bênção para iniciarmos nossa jornada nas montanhas. A maioria das expedições que almejam o cume passam por esse Lama, sua casa é tomada por fotos de cume com uma carta escrita por ele nas mãos dos escaladores. Devidamente abençoados e com nossas Khatas (pedaço de seda que envolve o pescoço, serve para dar boa sorte) partimos para nosso destino do dia: Pheriche (4.200 mts). Este novo vilarejo se mostra totalmente diferente de Tengboche, um fica em cima de uma montanha e Pheriche fica em uma longa planície. No programa temos 2 noites também, subimos um pedaço de uma montanha chamada Nargajum Peak com mais de cinco mil metros, chegamos até 4.800 e descemos, isso serve como um dia de aclimatação, tendo em vista que

dormimos a 4.200 mts.

Depois de dois dias em Pheriche partimos para Lobuche (4.900 mts), todas as caminhadas não são fáceis, quem já esteve em altitude sabe que qualquer subida pode se tornar um obstáculo, depois dos 5.000 metros então as coisas se agravam. Todos os participantes chegaram bem cansados em Lobuche, uma devida noite de sono e no outro dia partiríamos para o Everest Base Camp (EBC) . Nosso plano era sair bem cedo, almoçamos em Gorak Shep (5.100 mts) e logo partimos para o EBC, depois de horas caminhando com o glaciar do Khumbu á nossa direita, finalmente conseguimos avistar o “fim da linha”, digo isso pois para passar do outro lado do vale (China) apenas subindo uma montanha de 7.000 metros, sendo assim, a trilha realmente acaba no EBC.

Ao chegar no marco do EBC a emoção toma conta de todos, ter a oportunidade de estar lá é algo único, com uma nova logística, nosso planos mudaram de dormir 2 noites em Gorak Shep para 2 noites no EBC, claro que todos adoraram! Para se ter ideia da imensidão do EBC, do marco (entrada) até nosso acampamento caminhamos por volta de 40 minutos! A estrutura das expedições é algo difícil de se acreditar, internet, padaria, camas e aquecedores á gás são só alguns exemplos. Até esse momento conhecemos os 4 principais sherpas de nossa expedição: Joshi (líder),

Jangbu Sherpa, Wanda Sherpa e Tsering Sherpa. Ao chegar à nosso acampamento conhecemos o resto da equipe, composta por sherpas, auxiliares e cozinheiros. A hospitalidade e disposição desse povo realmente me impressionou, eles não sabem o que fazer para te deixar mais confortável e feliz, algo muito difícil de encontrar nos dias de hoje.Como disse anteriormente

nosso plano era passar duas noites no EBC e realmente dormir lá é um privilégio, em sua grande maioria, os trekkers não dormem lá, apenas chegam ao marco e voltam para Gorak Shep. Nosso grupo teve essa oportunidade, acompanhar o início de uma expedição á maior montanha do mundo é espetacular, o Everest que em nepalês é chamado de Sagarmatha (rosto do céu) e em tibetano Chomolangma ou Qomolangma (mãe do universo). Dormir no EBC é simplesmente alucinante, além de ouvir avalanches caindo o tempo todo, o gelo em que dormimos em cima trinca e estala durante a noite, misturando uma sensação de medo com excitação. Nesses dois dias me conectei muito com os sherpas, além de dar atenção para nossos clientes, a todo momento eu visitava a barraca cozinha para passar mais tempo com esse maravilhoso povo, todos se chamam de Dhai (irmão mais velho) e Bhai (irmão mais novo). E realmente eles nos tratam como irmãos, todos ficavam repetindo que tínhamos a mesma profissão (Guia de montanha/Escalada) sem a arrogância de serem melhores ou piores que nós Brasileiros, um exemplo de companheirismo.

Andar pelo EBC também se torna uma tarefa árdua e bela para os trekkers, a extensão do Glaciar do Khumbu é de encher os olhos. Nosso cardápio era farto e suculento, contando com comidas frescas e nossos tradicionais chás. Após esses maravilhosos dias voltamos para Lobuche e dormimos lá.

Com uma boa noite de sono, acordamos no outro dia para uma das piores manhãs de minha vida, estava tomando meu café da manhã com os clientes quando ouvi um boato de avalanche. Logo que sai para o lado de fora do lodge vi todos nossos sherpas reunidos e apreensivos com o rádio, rapidamente perguntei para o Carlos e o Eduardo o que estava acontecendo. Prontamente eles me responderam com os olhos marejados que havia caído uma avalanche imensa entre o acampamento base e um, aparentemente haviam 13 desaparecidos mas ninguém afirmava a morte. Esse trecho conhecido como Cascata do Khumbu é de longe a parte mais perigosa da escalada ao Monte Everest, além de blocos soltos que variam de tamanhos, avalanches são comuns em determinados horários do dia. Escadas de alumínio amarradas uma nas outras, cordas fixas e gretas que parecem infinitas fazem parte desse ambiente que amedronta a maioria dos escaladores.

Com essa notícia minha primeira reação foi avisar minha família, em todas as expedições da Grade6 contamos com um telefone via satélite garantindo assim mais segurança em nossas viagens, liguei rapidamente para minha mãe e esposa já soluçando e tentando não chorar, o que acabou acontecendo... Minha grande preocupação era o que a mídia iria divulgar, exemplo: “ Avalanche cai no Everest e mata 16 pessoas”. Com uma trágica noti-

cia dessa qualquer pessoa se desespera, mesmo sabendo que o familiar não esteja escalando o Everest.

Com a família avisada era hora de conversar com clientes, avisamos á todos que uma avalanche havia caído há poucas horas e que 13 sherpas (até aquele momento) estavam desaparecidos, isso nos obrigou a esperar por algumas horas em Lobuche afim de recebermos mais notícias pelo rádio. Alguns minutos depois foi confirmada a morte de 3 sherpas de nossa expedição, 2 guias e um cozinheiro que seguiam para montar o Campo 1. Foi nesse momento que todos se desesperaram e caíram em prantos, a tristeza tomou conta de Lobuche... Eu, Carlos e Eduardo já estávamos chorando há muito tempo, pois para uma avalanche pegar 13 sherpas pequena é que não foi. Até esse momento todos os sherpas se mostraram fortes e não deixaram cair uma lágrima, mas com a confirmação de 3 sherpas de sua equipe ninguém resistiu, uma manhã que luto para esquecer... Fiquei extremamente emocionado, eu tinha conhecido aqueles sherpas e conviviado com eles por apenas 2 dias, mas o sentimento de irmandade e cumplicidade era enorme, afinal de contas eram todos meus Dhais (irmãos mais velhos). Confesso que olhar aqueles sherpas chorando desesperadamente foi agoniante, os homens mais fortes das montanhas totalmente devastados...

Todos nossos planos mudaram, Carlos subiu com seu cliente de volta para o Base Camp com mais 3 sherpas, o que era minha vontade, voltar ao base camp e ajudar os sherpas... nem que seja servindo chá ou prestando os primeiros socorros, minha vontade era subir... Mas essa não era a realidade, eu tinha um grupo de 4 pessoas que dependiam do meu trabalho, ainda tínhamos mais 8 dias pela frente para cruzar o Vale do Khumbu e chegar até o Vale de Gokyo. Claro que o dever falou mais alto e descemos até Dzongla (4.845 mts), não consegui pronunciar muitas palavras na trilha, estava realmente fragilizado... Chegando ao nosso destino me desculpei com meus clientes por esse comportamento pois todos contavam comigo e eu realmente não estava bem. Acordamos na madrugada do nosso 13º dia nas montanhas para tentar cruzar o Cho La Pass (5420 mts) mas infelizmente na casa do 5100 metros uma das clientes passou mal e tivemos que abortar nossa tentativa, descemos no mesmo dia para Pheriche. Levei essa cliente ao posto médico e logo estávamos no Lodge, com acesso à internet era hora de mandar notícias para o Brasil, foi nesse momento que fiquei sabendo que o número de mortos chegara á 16, todos sherpas, nenhum estrangeiro...

De Pheriche descemos para Namche onde aguardamos alguns dias para o que o grupo do Eduardo nos encontrasse e desceríamos todos juntos até Lukla para finalmente voltar para Kathmandu. Com alguns dias em Namche realmente me apaixonei pelo lugar e fiz algumas amizades que pretendo preservar futuramente. Depois de alguns dias o grupo do Eduardo retornou do Island Peak e se juntou conosco em Namche, até esse momento a Expedição guiada pelo Carlos Santalena estava sem rumo, pois o sherpas fizeram uma reivindicação por melhores condições e direitos ao governo Nepalês.

Finalmente descemos de Namche para Lukla depois de 16 dias no Himalaia, o plano era voar no dia seguinte, dia 25 de abril. No último dia fizemos uma grande celebração em Lukla, além de ser aniversário do Eduardo, já virou um ritual todos pagarmos uma bela refeição aos nossos bravos carregadores... Quando perguntamos o que eles gostariam de comer, todos esperando uma resposta como hambúrguer, pizza ou qualquer outra comida ocidental. Fomos surpreendidos com a escolha: Dalbat (comida típica Nepalesa, composta por arroz e lentilha) e como acompanhamento um Chicken Curry (ensopado de frango com curry), tudo muito apimentado. Outro fato que marcou nossa noite foi todos comerem no Nepali Style, isso porque eles não usam talheres e assim foi a maioria dos clientes aderiu a ideia e tivemos um dos melhores jantares de toda trilha, juntos!

Acordamos bem cedo no dia 25 e fomos para o aeroporto, teria que enfrentar novamente o temido vôo de Lukla. Entrei no pequeno avião com capacidade para 13 pessoas e seguimos viagem, a volta foi bem mais tranquila que a ida, sem maiores turbulências. Depois de 45 minutos de vôo aterrissamos no caos de Kathmandu mais uma vez, nos hospedamos em nosso tradicional hotel e fomos descansar para mais tarde irmos ás compras. Nesse mesmo dia recebemos a notícia que todas as expedições comerciais haviam sido canceladas, na verdade o ministro do Nepal foi até o EBC e disse que os sherpas poderiam escolher em trabalhar ou não trabalhar nesta temporada, todos se recusaram, algum ocidental subiria em estilo alpino? Acho que não....

No dia 26 acordei tarde e fui tomar café, ao terminar minha refeição o Carlos entra pela saguão do hotel, com cara de cansado me disse que tinha voado do EBC direto para Kathmandu, finalmente estávamos os 3 juntos novamente. Após 2 dias em Kathmandu embarcamos no dia 28 para nosso vôo até Doha e de lá São Paulo. Depois de praticamente 1 mês no Nepal consegui finalmente abraçar meus familiares, esposa e amigos, foi de longe uma viagem onde vivemos as emoções de 1 ano em 30 dias. Para quem quiser mais informações para realizar o trekking acesse: www.grade6viagens.com.br

Conclusão

Uma tragédia como essa nos ensina muita coisa, nos deixa apreensivo, com medo, mas principalmente nos deixa mais fortes. Volto do Himalaia um novo homem, com novos aprendizados, mais experiente e principalmente muito mais humilde. Essa foi a grande lição que tive dos sherpas, eles não se auto-intitulam heróis, pelo contrário são pessoas simples por quem realmente adquiri um respeito enorme. Por que tantos sherpas morreram? Existem alguns fatores que levaram à esse triste fim, a primeira foi a quebra de uma das escadas da Cascata do Khumbu, fazendo com os sherpas se afunilassem. Segunda, pelo que foi comentado usaram a mesma rota do ano passado, passando pelo lado esquerdo da cascata, o ideal é sempre ir pelo meio evitando assim a parte mais perigosa desse imenso “corredor” vertical. Terceiro, avalanches

são comuns nesse trecho da Cascata, mas sempre em horários mais quentes, como meio dia, essa avalanche acabou caindo ás 6:40 da manhã, surpreendendo á todos.

Quanto vale a vida de um Sherpa?

Logo após a tragédia um americano escreveu um texto com essa pergunta, e realmente quanto vale? O governo do Nepal ofereceu inicialmente uma quantia de 400 dólares para cada família que teve seu sherpa morto, esse foi o grande motivo da paralisação sherpa, 400 dólares? Cada escalador paga um permit (permissão para escalar) de aproximadamente 10.000 dólares, isso multiplicado por 500 escaladores que era a média desse ano....

Até que ponto uma pessoa que tenta o Everest é realmente um escalador? Não estou aqui para julgar ninguém, mas criou-se um “estilo de escalada” no himalaia onde sem os sherpas ninguém escala. Mas porque? Seria falta de capacidade dos escaladores? Depedência extrema dos sherpas? Mas imagine só se todas as expedições fossem em estilo alpino, o que seria do trabalho sherpa? Cada um tem sua opinião e crença, todos os anos as polêmicas em cima do Everest tomam os jornais e sites de montanhismo. No McKinley por exemplo você é obrigado a carregar seu equipamento, montar sua barraca, derreter neve, etc... No extremo oposto temos o Everest, que conta com carregadores, 1 sherpa para cada escalador, cordas fixas, cozinheiros, etc... São várias os relatos de “escaladores” que foram á maior montanha do mundo e não sabiam conectar o ascensor na corda, sherpas esquentando sacos de dormir, levando comida na barraca, passando a cascata de helicóptero, etc.... Qual seria a solução? Dividir o risco com os escaladores que pagaram pela expedição? Fazer com que todos ajudem a montar os acampamentos altos juntos, carregando peso também? Teria de existir um critério técnico para escalar o Everest, exemplo, fazer um 8000 antes?

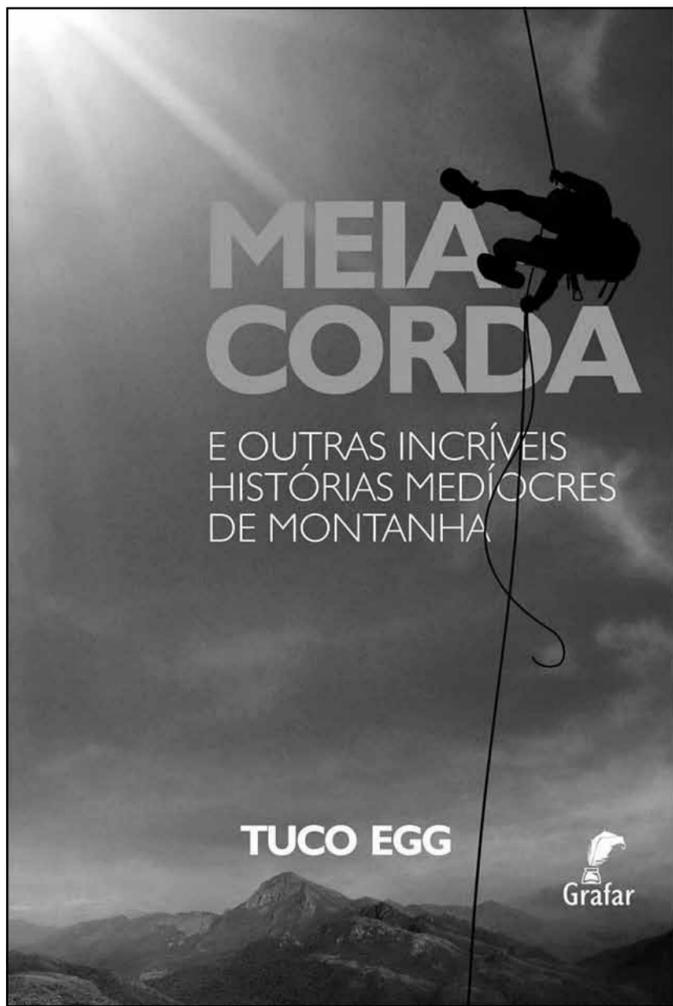
Todas essas perguntas dividem opniões e novamente não estou aqui para questionar um estilo. O que vi e vivi é que a vida de um sherpa não tem preço, aliás a de nenhum ser vivo. Vi também muita falta de humanismo, falta de sensibilidade... Morreram 16 sherpas? E daí, quero subir, quero meu cume! Tenho plena convicção que não são os escaladores que sobem as montanhas, e sim as montanhas que permitem ser subidas, e esse ano o Everest não queria ser escalado pela face sul, mantando 16 de seus próprios “filhos”. Obrigado á todos os amigos e familiares que torceram, sofreram e viveram mesmo que de longe a magia do Everest. Um agradecimento especial à empresa Grade6 que confia em meu trabalho e viabilizou essa experiência magnífica. Esse texto é dedicado á todos os sherpas mortos nessa temporada sombria de 2014, especialmente aos 3 sherpas que tive o prazer de conviver por um curto período de tempo, que Chomolangma os abrace e olhem por nós aí de cima. Namastê!

Para os verdadeiros heróis:

•Ankaji Sherpa
•Tenzing Sherpa
•Asman Gurung

Boas Escaladas!

Lucas Sato



Meia Corda e outras incríveis histórias medíocres de montanha

EDSON STRUMINSKI | RS

Foi uma curiosidade ver sair do forno um livro de escaladas de "gente como a gente", como de certa forma se define Tuco Egg e não mais uma pretenciosa memória de um semi-deus das paredes. Tuco nos brinda com um livro leve, divertido e pé no chão, de aventuras nas montanhas, onde a vontade de fazer coisas mirabolantes na escalada se confronta com a realidade muitas vezes cachorra de trapalhadas, falta de coragem ou da pura e simples mediocridade (mas quem não se sentiu assim algum dia no pé de uma parede, que atire a primeira bola de magnésio). Neste ponto temos que tirar o chapéu para Tuco, pois ele teve a coragem de contar pra todo mundo que é um sobrevivente das patuscadas que ele próprio cometeu nas montanhas. Aliás, cúmulo da ironia, eis que eu próprio me vejo ali, nas páginas do livro, anonimamente rabiscando um croqui e empurrando Tuco e seus amigos para mais uma enrascada da qual, sabe-se lá como, eles habilmente conseguiram sair, mesmo que às custas de uma escalada frustrada.

Assim, apesar da brincadeira do título, é um engano imaginar que o leitor terá nas mãos um livro escrito de forma medíocre. As histórias são saborosas e divertidas e o que se aprende é que é possível viver aventuras significativas e também se sentir realizado apenas por fugir do lugar comum que nivela por baixo os anseios e perspectivas de vida das pessoas. É possível sentir a vida pulsando se você se dispu-

ser (e se encorajar) a sair da zona de conforto que prende a maioria em casa assistindo à TV a cabo ou postando mensagens profundas (escritas por algum filósofo conceituado) no Facebook. Hoje, lendo o livro de Tuco, sinto-me em parte arrependido de não ter podido escalar ou viajar mais com ele. Permanece na minha memória a viagem que fizemos juntos e com outro amigo ao Chile em final dos anos 1990, quando convivi com seu bom humor, disposição e generosidade. Certamente aquela viagem renderia algumas boas histórias "medíocres" para uma segunda edição de um livro dele, assim como outras dignas de um bom caderno de montanha, quando, por exemplo, abrimos todo um belo setor de escalada em móvel em blocos rochosos em uma praia do Pacífico no sul do Chile. Na verdade, Tuco foge do comum, seja em improváveis voos de paraplanagem, em banhos de cachoeira onde o perigo ronda a cada distraída mordida do sanduiche frio ou em escaladas cheias de trapalhadas, mas sempre interessantes, que ampliam nosso horizonte e que nos fazem pensar no sentido de estar vivo. Como Tuco não é um caçador de prêmios, títulos ou graduações de escalada, é possível sentir também uma espiritualidade espontânea e genuína em alguns de seus textos. A visão da natureza selvagem deixou marcas profundas, com isto suas histórias valem a pena serem lidas, algumas delas, contrariando o título, nem um pouco medíocres. Edson Struminski (Du Bois), montanhista

Seminário de Mínimo Impacto no Parque Nacional do Itatiaia

Acontecerá na cidade nos dias 18 e 19 de outubro no Parque Nacional do Itatiaia

MAURICIO CLAUZET | RJ

Em setembro de 2013 iniciou-se um Grupo de Trabalho GT com o objetivo de revisar as normas vigentes no PNI para conquista de novas vias de escalada e manutenção.

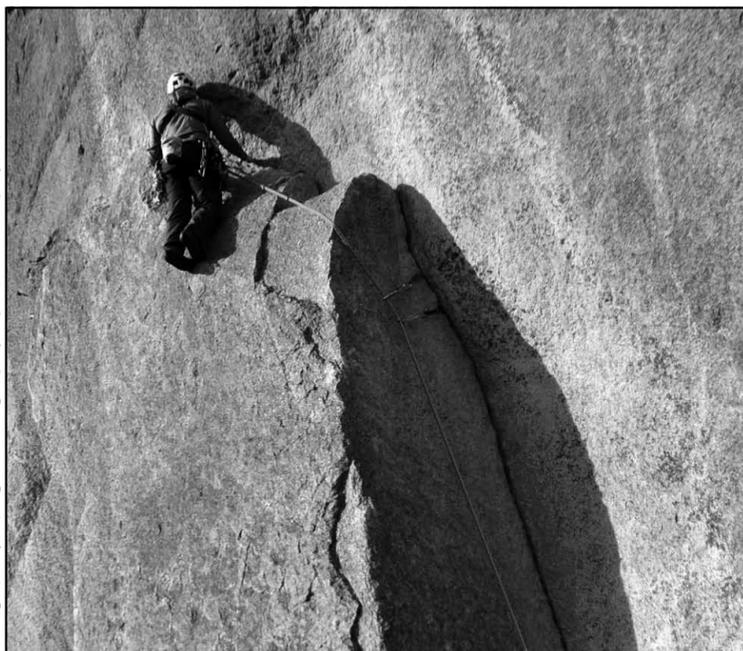
O objetivo do GT é discutir e criar uma base para um seminário de mínimo impacto, que com a participação mais ampla da comunidade de montanhistas e escaladores e atendendo às demandas de gestão da administração do PNI se crie um novo regulamento que seja melhor que o atual para todos atores envolvidos.

Este GT trabalhou desde sua criação com a participação de cerca 20 pessoas. Alguns pontos tive-

ram rapidamente unanimidade, outros pontos geraram bastante polêmica e assim serão trazidos como opções para que a decisão final venha no seminário com a participação de mais pessoas.

O resultado do trabalho do GT é um documento, que será usado como a base para as discussões no seminário. A última versão do documento, que será usada no seminário, pode ser baixada em no site do Mountain Voices.

O seminário será realizado no PNI no fim de semana de 18 e 19 de outubro no Parque Nacional do Itatiaia. Contamos com a sua presença, por favor leia o documento antes.



Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

Hostel
Picus.com.br

Abrigo de Montanha
(35) 9119.9153
Itamonte - MG

RESSOLE SUA SAPATILHA NA

*SOS sapatilha

- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações
www.bele.com.br ou ligue para 11 82446672

halfdome

Al. dos Nhambiquaras, 946 - Moema
04090 000 - São Paulo - SP
11 5052-8082 - www.halfdome.com.br

www.deuter.com.br

35+ GUIDE

deuter

Reduza o peso nas suas Caminhadas

Texto: Mário Nery
Imagem: Fernando Lessa



Reduzir o peso durante suas caminhadas significa permitir-se usar uma mochila menor e gastar menos energia durante o deslocamento, o que além de uma medida de segurança é também uma questão de conforto – afinal de contas, é bem mais agradável andar com uma mochila de 40 e poucos litros do que com uma carqueira de 75 litros.

Reduzir o peso não necessariamente significa abrir mão da segurança ou do seu conforto no acampamento. Mas eliminar equipamentos da mochila requer cuidado – principalmente se você deixar de fora itens importantes para o local onde irá ou se retirar itens que não deveriam nunca ter saído da sua mochila. A seguir eu deixo algumas dicas para aliviar a carga nas suas costas sem correr tantos riscos.

Os Vilões do Peso e Volume

Existem alguns equipamentos que são os grandes responsáveis pelo peso e tamanho da sua mochila, são eles: barraca, saco de dormir e roupas de frio. Você pode adaptar os itens e assim conseguir um equilíbrio melhor na relação peso x volume, por exemplo:

Barraca

escolha sua barraca levando em consideração as necessidades que você tem de espaço e características técnicas, mas sempre pense no peso e no volume dela. Eu costumo transportar a minha barraca sozinho e por isso mesmo prefiro barracas para no máximo duas pessoas e que não passem dos 2,5kg – o que já pode ser considerado muito peso para alguns usuários adeptos desta ideia de caminhar mais leve. A barraca pode ser substituída por redes, tarps (toldos) ou mesmo sacos de bivaque. Contudo vale sempre levar em conta o clima da região, a disponibilidade de apoios (para as redes e tarps) e a exposição ao vento nos locais de acampamento – uma boa dica é experimentar esses equipamentos em trilhas que você já conhece antes de usá-los em locais que você ainda não visitou.

- Saco de dormir: aqui no Brasil eu uso uma combinação bem simples na maioria dos lugares. Eu levo um saco de dormir mais leve e menos volumoso e durmo com a roupa de frio completa, ou seja, anorak, fleece e segunda pele – além de luvas e gorro quando necessário. Eu naturalmente já levaria estas roupas por questão de segurança, por isso prefiro reduzir o volume do saco de dormir e combinar seu uso com as roupas. Outro macete para redução do volume é trans-

portar o seu saco de dormir dentro de um saco de compressão.

- Roupas de frio e roupas normais também podem ser comprimidas usando sacos de compressão, isso irá lhe poupar um bom espaço na mochila. Evite as peças volumosas demais e prefira as camadas de aquecimento com tecnologias melhores, que lhe permitam mais aquecimento sem um volume muito maior.

Outros dois itens ocupam bastante espaço na mochila, porém são fundamentais e devem ser reduzidos com extremo cuidado – água e alimentação. Inicialmente faça testes em trilhas que você já conhece e vá adaptando a quantidade de água e os alimentos de acordo com a sua necessidade – lembrando sempre de deixar uma margem de segurança em ambos. Assim você começará a ter uma noção melhor das quantidades. E nunca se esqueça: climas diferentes e a disponibilidade de fontes sempre afetarão a quantidade de água a ser transportada.

Trocas

Ao comprar seus equipamentos leve em consideração a relação de peso e volume deles e não somente o custo, marca, tecnologias, etc. Existem ótimos modelos de fogareiros no mercado nacional que são compactos, eficientes e leves. O mesmo vale para as panelas, pratos e itens de cozinha – reduza o peso e tamanho deles. Em alguns casos eu deixo o prato em casa - basta uma panela pequena de alumínio e os talheres pequenos – sem frescura. Isolante térmico é outro item que pode ser reduzido. Os de EVA tradicionais são extremamente leves e baratos, porém são grandes. Já alguns infláveis são muito compactos, mas pesam mais que os de EVA e custam muito mais também, contudo lhe dão um conforto bem maior. Pese os prós e os contras pro seu uso.

Facas maiores podem ser trocadas por bons canivetes suíços com lâminas médias – o suficiente para realizar os trabalhos necessários em ambiente de montanha, campings estruturados e até campings selvagens.

Em alguns casos não temos como fugir, quem fotografa vai transportar câmera DSLR, tripé e acessórios. Entretanto para muitos trekkers basta uma boa câmera compacta e

um cartão de memória espaçoso. Itens de segurança como kits de primeiros socorros, lanterna de cabeça, mapas, bússola, GPS, celular e baterias não devem ser deixados de lado mesmo quando seu plano é andar mais leve. Outra dica comum, mas que nem todos fazem: deixe em casa as embalagens das comidas – embale novamente sua alimentação usando sacos do tipo ziploc. Esta dica funciona muito bem para pó de café, achocolatado, leite em pó... Descarte caixas de papelão, embalagens plásticas (como a de alguns macarrões instantâneos), latas e vidros (fuja destes dois últimos sempre, por questões de segurança, lixo gerado e pelo peso desnecessário).

Banho e Higiene Pessoal

Se for possível tomar banho: um pedaço de sabonete pequeno e biodegradável – ou sabonete líquido - uma toalha técnica pequena ou média e só! Nem pense em levar toalhas normais, as toalhas de microfibra que existem hoje no mercado secam muito mais rápi-

do que as normais, são mais leves e muito menos volumosas.

Se não for possível tomar banho: leve lençóis umedecidos (desses para bebê) ou gel para limpeza corporal (você acha nas farmácias), isso já dá pra segurar a onda até a trip acabar. Ou se for mais radical, chute o balde de vez e não leve nada, rrsrsrsrs! Troque as embalagens de protetor solar, desodorante, pasta de dente, repelente e afins por embalagens menores de acordo com a duração do seu trekking. No caso do papel higiênico você pode levar apenas meio rolo ou até menos.

Reduza a sua mochila

Essa é uma excelente maneira para se forçar a reduzir os equipamentos. Inicialmente planeje usar uma mochila um pouco menor que a habitual e vá se acostumando com o novo tamanho, remova o que for desnecessário, troque alguns equipamentos por opções menos volumosas, comprima as roupas, mude as embalagens, etc. Bons ventos!

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



BIVAK
OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

Ilhas Galápagos

Texto: Alberto Ortenblad



Nascidas do fogo e sujeitas a um sol inclemente, formadas por terras estéreis e habitadas por seres estranhos, eloquentes testemunhos da evolução da vida, temidas e amaldiçoadas durante sua história, estas ilhas tão isoladas no mar frio e distante constituem Galápagos, o mais preservado arquipélago do planeta.

O Arquipélago

O Arquipélago de Galápagos é um ambiente de vida selvagem que abriga um parque nacional. Pertence ao Equador, de cuja costa dista mil km. É composto por 13 ilhas e uma centena de rochedos e ilhotas. O Parque foi criado em 1959 com cerca de 80 mil km² e, em 1998, a reserva marinha que o envolve foi ampliada para 138 mil km² – algo como um círculo de 200 km de raio.

Destas ilhas já se disse: Extravagantes, diabólicas, selvagens, mas ainda assim belas, estas ilhas mudaram a ideia que tínhamos sobre nós mesmos e sobre a vida na terra. Consideradas inicialmente como uma terra maldita, foram necessários vários anos para que sua importância evolucionária fosse reconhecida. Plantas e animais pioneiros lutavam para sobreviver, e ao fazê-lo de forma tão gradual, pavimentaram enfim o caminho para a chegada dos colonizadores humanos. É curioso como todas as ilhas são batizadas com três nomes: as antigas denominações espanholas, os termos ingleses do tempo de Darwin e os atuais nomes oficiais. Por exemplo, Fernandina e Isabela – cujos nomes são uma homenagem a reis espanhóis – são também Narborough e Albermale; Floreana, que celebra o Presidente Flores, é ainda conhecida como Charles; San Cristóbal e Santa Cruz têm como outros nomes Chatham e Indefatigable (ver adiante).

A Origem

A origem do arquipélago é vulcânica, por estar situado sob uma linha de falhas geológicas (hot spots), por onde escapa o calor, criando inicialmente um vulcão submarino. Este cresce sob o mar, até formar uma ilha na superfície. As ilhas estão situadas sobre a Placa de Nazca e deveriam ter uma orientação linear no rumo sudeste, não fosse a influência de outra placa local que as fez girar entre si. Na realidade, o arquipélago não é uma sucessão de ilhas separadas e sim uma enorme plataforma submersa que abarca toda a sua extensão marinha. Surgem dela formações verticais emersas, que são suas muitas ilhas. Esta plataforma tem o poder de desviar as correntes marinhas que confluem na região.

Os vulcões podem unir-se, gerando ilhas maiores, como Santa Isabel, formada por seis deles. Muitas das ilhas são constituídas simplesmente por um cone vulcânico rodeado por planícies arenosas ou rochosas. Alguns dos vulcões são ainda ativos, em especial o da Ilha Fernandina, que expele lava, não apenas fumaça. As maiores altitudes dos vulcões podem chegar a 1.700m, com uma topografia acidentada que criou condições para ecossistemas diferenciados, favorecendo a evolução de uma variedade de criaturas únicas no mundo. Desertos desoladores, mangues e pântanos, pequenas praias e costões rochosos, savanas re-

torcidas, campos de gramíneas, bosques de cactos e até densas florestas podem se suceder numa mesma ilha ou entre ilhas próximas.

A História

O arquipélago foi descoberto no século XVI, quando o navio que levava ao Peru o Bispo do Panamá se desviou da rota. Passou por Galápagos no século XVIII o marinheiro que inspirou o personagem Robinson Crusoe (ver depois). Seu primeiro morador permanente foi um irlandês, que lá viveu no século seguinte. Antigamente, as ilhas eram alvo de temores e superstições e chamadas de Las Encantadas. Abordado por piratas, exploradores e baleeiros, teve em Darwin seu mais famoso visitante, exatos 300 anos após sua descoberta. No mês em que lá passou, surpreendeu-se com o aspecto único da fauna local, que lhe sugeriu as ideias para sua teoria da evolução das espécies, publicada 25 anos depois.

Esta é a última frase do seu livro, que sempre me impressionou por sua elegância: Enquanto nosso planeta, obedecendo à lei fixa da gravitação, continua a girar na sua órbita, uma quantidade infinita de belas e admiráveis formas, originadas de um começo tão simples, não cessou de se desenvolver e desenvolve-se ainda.

A Fauna

A distância de Galápagos de qualquer

outra terra firme, mais as fortes correntes oceânicas em seu redor e os ventos que sopram entre as várias ilhas, isolaram o arquipélago em conjunto e cada ilha individualmente, tornando-as laboratórios vivos da evolução das espécies.

A fauna de Galápagos mostra um comportamento curioso, não se assustando com a aproximação humana. Durante quase toda sua história, viveu distante do homem, pois o arquipélago só começou a se povoar a partir dos anos 1970. Mas, nesta época, já havia o cuidado com a preservação, que impediu a agressão aos animais. Ela é única mas, diferentemente de todas as descrições que li, não é rica, a não ser sob o oceano. Considere que é escassa em mamíferos, pois estes não puderam suplantar sem água ou alimento a enorme distância da costa. Destes, só existem seis espécies, todas naturalmente aquáticas: duas de lobos marinhos e de baleias, os golfinhos e as focas. O endemismo é provavelmente de 15%. Também os répteis de que Galápagos é considerado tão rico são poucos: apenas iguanas e lagartixas, cobras e lagartos. E, naturalmente, as tartarugas gigantes que deram o nome ao arquipélago. O aspecto interessante é que as espécies em cada ilha são endêmicas, pois evoluíram em ambientes isolados, dado que as distâncias entre elas - de 35 km na média entre pares de ilhas vizinhas - não permitiram cruzamentos. Aqui o endemismo é muito alto, da ordem de 90%. Este não é naturalmente o caso das aves, cuja autonomia é muito maior. A diversidade é relativamente alta, com 50 espécies, e o endemismo é menor entre as gaivotas, fragatas, piqueiros, pinguins e albatrozes – cerca de 55%. É importante lembrar a presença dos tentilhões ou finches, cuja grande diferenciação foi muito estudada (ver adiante).

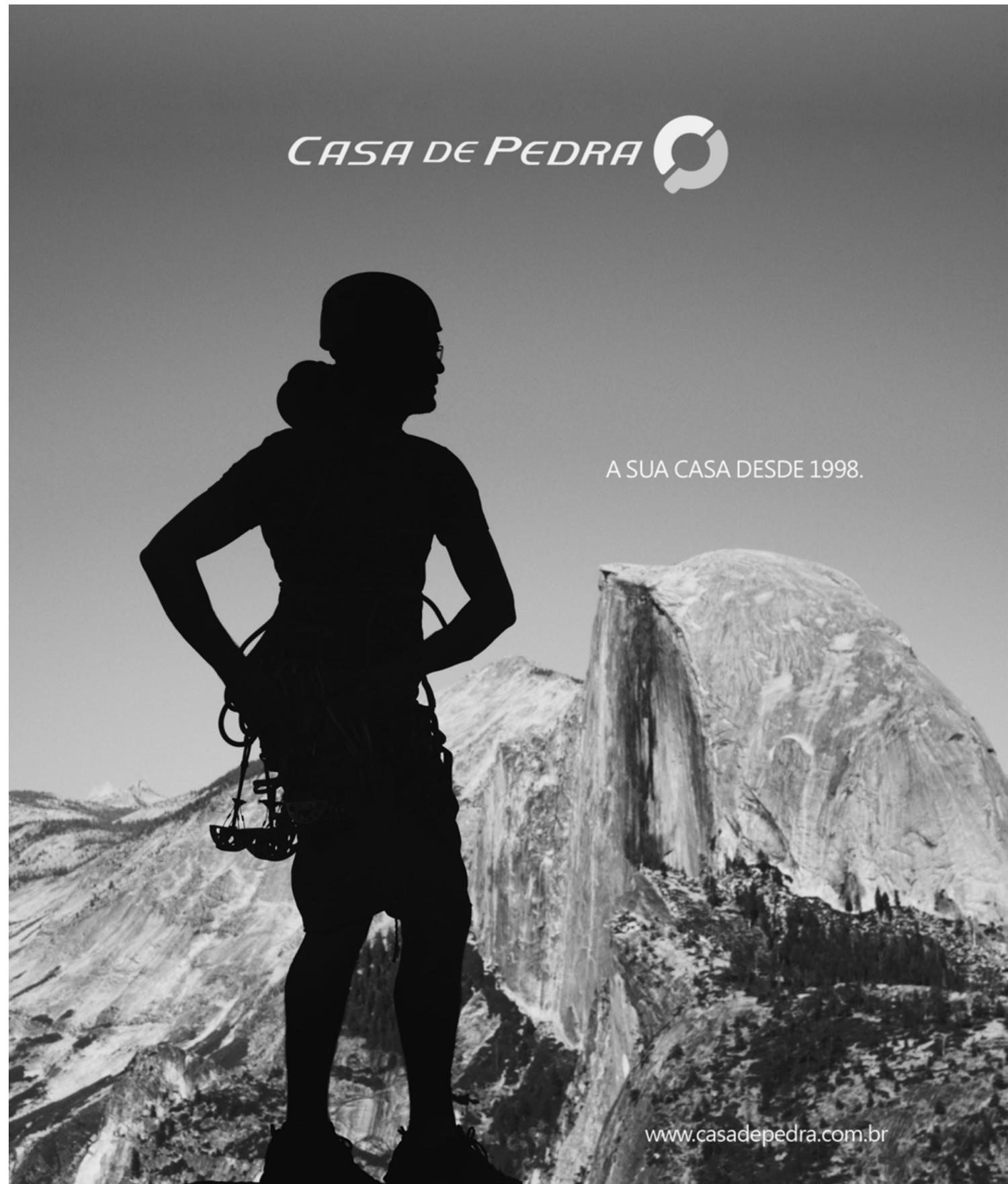
Existem quatro correntes marinhas que convergem no arquipélago, tanto quentes como frias - as mais importantes são a Corrente Humboldt, a mais fria do mundo, e a cálida Corrente Panamá. Num certo sentido, Galápagos é ao mesmo tempo polar e tropical, abrigando tanto pinguins e focas como flamingos e pelicanos. Isto contribui com uma grande variedade de peixes, espetacularmente visíveis sob as águas límpidas e frias do Pacífico. Habitam Galápagos cerca de 500 espécies de peixes, crustáceos, moluscos e equinodermos, sob um moderado endemismo de 20 a 25%.

A Flora

Como acontece com o Pantanal, acredito que a vida vegetal de Galápagos não tenha merecido a mesma atenção que a animal, embora seja variada e expressiva. A vegetação por assim dizer aparece em cima, pois se estende e diversifica pelos terrenos mais elevados. A fauna ocorre em baixo, perto do litoral: você não verá fragatas ou iguanas longe da praia e mesmo as tartarugas terrestres só habitam as terras baixas. O alimento da vida animal não está na vegetação e sim no mar.

CASA DE PEDRA

A SUA CASA DESDE 1998.



A flora de Galápagos tende a ser pioneira, composta por plantas capazes de suplantar as distâncias oceânicas e sobreviver ao ambiente hostil do arquipélago. Portanto, não existe lá a mesma variedade do continente. A relativa dificuldade de polinização explica a ausência de grandes flores e frutos. Ou seja, assim como a fauna, a flora está longe de ser exuberante.

E apenas um terço dela é endêmica – por exemplo, Galápagos tem seu próprio algodão, pimenta, tomate e maracujá. Esse índice não é tão notável assim: é igual ao das plantas que existem nas paredes úmidas do Monte Roraima, um ambiente especial porém não isolado – afinal, os altos do Roraima ficam a apenas mil m da savanna, e não mil km como Galápagos. A vegetação é distribuída por zonas específicas. A primeira delas ocorre nas praias e mangues - dos quais, alias, existem todos os quatro tipos conhecidos. Logo acima, aparecem os cactos e arbustos da zona árida e, em alguns casos, as árvores de palo santo. Você verá que cada uma das três espécies de cactos ocorre num ambiente específico. Nas regiões menos secas, forma-se uma zona de transição, com pequenas árvores e arbustos, como o guayabillo, semelhante a uma goiaba.

As garoas comuns do arquipélago favorecem a formação de uma zona úmida, onde as vegetações tornam-se mais diferenciadas. Talvez a mais expressiva delas seja a floresta nebular, com árvores retorcidas recobertas de musgo. Acima dela costuma existir uma vegetação arbustiva, formada por micônias, associadas a parasitas, samambaias e musgos. Nos relevos mais altos aparecem os pampas, com a vegetação rasteira das gramíneas e samambaias.

As Ilhas

Segue abaixo um resumo das principais ilhas que compõem o arquipélago. Aviso que não pude visitar senão uma pequena parte deste vasto conjunto.

Ilha	Área Parque (mil ha)	% Total do Parque	População (mil)
Isabela	459	58	3
Santa Cruz	98	12	18
Fernandina	64	8	-
Santiago	59	8	-
San Cristóbal	56	7	9
Floreana	17	2	-
Marchena	13	2	-
Española	6	1	-
Outras Ilhas	16	2	-
Total	788	100	30

Sugiro que você não compre um pacote nem visite o arquipélago de navio, pois em ambos os casos perderia a flexibilidade - é impressionante como 40% dos turistas visitam Galápagos embarcados. Naturalmente, chegam todos de avião, pois não compensa navegar 2 ou 3 dias de Guaya-

quil até lá.Reserve pelo menos quatro dias e, se necessário, alugue lanchas rápidas para visitar os locais mais distantes. Uma viagem de Santa Cruz até uma ilha próxima leva cerca de 2½ hs, pois as embarcações se movem a até 10 nós, ou seja, 15-18 km/h. Neste ritmo, você levaria 5 horas até Isabela. Você pode hospedar-se em diferentes ilhas, não precisa concentrar-se apenas no conforto e agito de Santa Cruz. Talvez convenha evitar a época de chuvas, de dezembro a março, embora a visitaçã o a Galápagos mostre pouca sazonalidade.

As Ilhas Ocidentais

Acredito que esta é de todas a região mais radical do arquipélago, devido ao impressionante aspecto das ilhas, que são geologicamente as mais recentes. Isabela: É gigantesca, com sua caprichosa forma de cavalo marinho, num comprimento de 150 km e mais da metade da área de todo o parque. Abriga cinco vulcões, dos quais o Wolf (ou Lobo) é o ponto culminante do arquipélago. Você pode subir no vulcão Sierra Negra (1.370m), serão 16 km e talvez 5 horas de caminhada. A visão é impressionante, devido à travessia das encostas áridas, ao panorama distante, tanto marinho como terrestre – e sobretudo ao tamanho e profundidade de sua cratera, que é a segunda maior do mundo. A topografia acidentada abriga uma grande variedade de vegetações. E também de vida animal, desde lobos marinhos e pelicanos a garças, flamingos e tubarões. Situada no limite oeste de Galápagos, está muito distante de Santa Cruz, que é o centro turístico do arquipélago. Você pode pousar no vilarejo de Villamil, que possui hospedagens simples.Fernandina: É

uma visão devastadora, que se resume a uma enorme caldeira vulcânica num ambiente ressecado pela lava cinza. Fernandina é a mais jovem das ilhas, ocupando a extremidade do arquipélago. Ela está assentada sobre o ponto mais quente da região, de onde surgiram todas as ilhas, antes que migrassem para leste. Seu vulcão La Cumbre é o mais ativo de Galápagos – a última erupção ocorreu em 2009 – e os vestígios de lava ainda podem ser avistados. Fernandina é extremamente árida, havendo apenas alguma vegetação de mangue na orla marinha. Apesar disto, a ilha é rica em vida animal, com gaviões, iguanas, cormorões, pinguins e até baleias. Entretanto, apenas a Punta Espinosa costuma ser visitada, a uma prudente distância do vulcão. Não existe nem água nem residentes nesta estranha ilha desolada.

As Ilhas Centrais

Aqui se concentra a maior quantidade de ilhas, tornando mais fácil a sua visitaçã o a partir de Santa Cruz, que é o centro turístico do arquipélago.Santa Cruz: Ao chegar de avião, esta será a primeira das ilhas principais que você conhecerá. Ao atravessá-la, perceberá como a vegetação evolui da savana ressecada para o campo verdejante e a floresta densa, à medida em que subir a serra. A parte central de Santa Cruz é ocupada por habitações em geral muito feias e por fazendas de pecuária. Os hotéis ficam em Puerto Ayora, em cujas proximidades está Garapatero, uma das mais belas praias do arquipélago. Você pode subir no Cerro Crocker (864m), que é o seu ponto mais alto, encontrar as tartarugas gigantes na terra ou os lobos marinhos no mar, avistar os mangues e a vida marinha na Enseada

da Tartaruga Negra, conhecer os interessantes túneis de lava ou visitar a Estação Científica Charles Darwin.

Santiago: Esta ilha, hoje despovoada, já foi habitada no passado. Ela é famosa pelos incríveis desenhos dos campos de lava que recobrem sua superfície, decorrentes da erupção do vulcão Cowan dois séculos atrás. Situada a uma distância moderada a norte de Santa Cruz, apresenta duas belas praias, de cada lado da península onde está o obelisco, um impressionante pontão rochoso à beira d´água. Os mares de Santiago são povoados por uma surpreendente população marinha, onde você verá peixes de todas as formas e cores: caranguejos, cavalos marinhos, tartarugas verdes, arraias chita, lobos de dois pelos e iguanas marinhas. Ao seu lado está a desolada ilha de Bartolomé, cuja vida se resume a um único tipo de vegetação rasteira.Floreana: Está ao sul de Santa Cruz e de San Cristóbal, sendo uma das quatro ilhas habitadas de Galápagos, porém com apenas 140 pessoas. É uma ilha verdejante e relativamente plana, dotada de água potável. Um século atrás lá nasceu o primeiro cidadão de Galápagos, filho de um casal alemão. Existe até hoje um hotel construído por aqueles pioneiros da Família Wittmer (ver a seguir). Considerado o melhor local para mergulho no arquipélago, em especial sobre o cone submerso de um vulcão na Corona del Diablo, permite o avistamento de caranguejos, tartarugas, corais – e talvez focas e atuns. Na Baía de Correos, desde o século XVI os piratas e baleeiros usavam um barril onde depositavam suas cartas, recolhidas pelos barcos que retornavam ao continente. Convém citar que existem dois aeroportos, o principal situado na pedregosa e

ressecada ilha de Baltra, onde havia no passado uma base aérea americana, e o outro na capital San Cristóbal. Baltra é separada de Santa Cruz por um braço de mar, que você atravessará por um serviço público de barcas. A seu lado está a pequena e rochosa Seymour Norte, com suas aves e iguanas.

As demais ilhas centrais são pequenas - ao norte ficam as ilhas Pinta (cuja natureza está se recompondo da devastação causada pelas cabras), Marchena (um ambiente desolado fechado à visitaçã o) e a pouco visitada Genovesa (uma cratera submersa em forma de ferradura). A leste estão Rábida, com seu estranho colorido avermelhado, e Pinzón, dominada por rochedos e árvores espinhentas, também não visitável. A oeste, Santa Fé, com sua praia tranquila e seu bosque de cactos.

As Ilhas Orientais

A presença de água doce permitiu que San Cristóbal tivesse uma ocupação pioneira e uma ativa vida econômica, tendo se tornado a capital do arquipélago a partir de 1973.San Cristóbal: Localizada no leste do arquipélago, foi a primeira ilha visitada por Darwin. A vila de Puerto Baquerizo é a capital de Galápagos, apesar de sua localização excêntrica, tão longe de Santa Cruz como Isabela. Possui uma raridade, a lagoa de água doce El Junco, a maior da região. E também ondas propícias ao surfe. Se você quiser belas vistas, pode subir a colina de Las Tijeteras e percorrer a praia de Cerro Brujo. É conhecida por seus muitos pontos para mergulho, aliás contribuindo para os cerca de 70 locais no arquipélago – você pode em especial visitar a ilha da Loba e a rocha de Leon Dormido, também habitadas por inúmeras aves. Você avistará petréis, tordos, golfinhos, arraias e tubarões.Por fim, gostaria de mencionar a linda praia da ilha de Española, a mais velha das formações de Galápagos, uma superfície plana que desaparecerá lentamente sob o oceano, levando consigo toda a sua vida. Aos poucos, ela está se fraturando, esfriando, secando e afundando – um dia, seus albatrozes terão de voar e seus lobos marinhos terão de nadar para mais longe.

Amor à Vida

Os ovos das tartarugas são incubados na Estação Darwin, para protegê-los dos predadores. Dentre os animais mais nocivos ao meio ambiente estão as cabras, conhecidas desde antes de Darwin. Em Isabela, as fêmeas são atraídas pelo macho e, ao saírem no campo limpo, são abatidas por um atirador que as sobrevoa num helicóptero. Num bom dia de caça, 300 delas podem ser mortas (reproduzo aqui um relato oral).

Mas, em Santiago, inversamente, fêmeas são impregnadas por hormônios capazes de atrair os machos. Estes são então dizimados por atiradores, alertados pelos sinais de rádio emitidos pelas coleiras nelas colocadas. Elas são evidentemente



preservadas para o próximo morticínio. Em Santiago são ainda exterminados os macacos e na vizinha ilha de Bartolomé, os ratos.Como eles dizem, cães e gatos são mortos por caceria y veneno. Entre os animais considerados indesejáveis estão os cavalos, os pombos, as galinhas e os sapos. Estas ações são naturalmente explicadas como acontecendo em defesa dos animais selvagens.Enquanto isso, devido ao pleno emprego e à vida segura, há 40 anos a população de Galápagos cresce explosivamente entre 5 e 6% ao ano – eram 4 mil em meados da década de 1970 e não tardará a serem 40 mil antes do fim desta década. Não tem havido controle quanto ao aumento da população ou à construção de moradias.Por outro lado, a visitaçã o a Galápagos dobra a cada dez anos. Lembro-me de um relato onde se comentava que saía um só barco de turistas por semana. O número de visitantes está se avvicinando de 200 mil anualmente. Com um período médio de permanência de 5 dias, isto representa quase 3 mil pessoas caminhando ou mergulhando pelo arquipélago a cada dia do ano.Como comparação, o arquipélago de Fernando de Noronha – com área terrestre 300 vezes menor e marinha 1.000 vezes menor - é visitado por pouco mais de 50 mil turistas por ano. Mas nele residem apenas três mil pessoas. As mulheres grávidas só podem ter os filhos no continente.

A estes é permitido residirem na ilha, porém os filhos destes devem emigrar, só retornando quando do falecimento dos pais.) Naturalmente, os humanos de Galápagos são considerados muito menos nocivos à natureza do que as cabras, os cães e os cavalos. Lembrei-me então do comentário que fez Leonardo da Vinci: Chegará o dia em que o homem conhecerá o Intimo dos animais. Neste dia, um crime cometido contra um animal será considerado como um crime cometido

contra a humanidade.

Algumas Histórias

O Mistério da Baronesa: Na década de 1930, viveu na ilha Floreana a Baronesa de Wagner, junto com seu amante. Em 1934, ela foi misteriosamente assassinada e cada um dos demais habitantes da ilha, todos alemães, foi considerado suspeito. Ao cabo de pouco tempo, todos acabaram morrendo, só restando os membros da família pioneira Wittmer. O caso nunca foi solucionado.Crusoe: No início do século XVIII, o marinheiro escocês Alexander Selkirk visitou Galápagos, na sua volta ao lar. Ele havia sido resgatado numa ilha isolada no litoral chileno, após se amotinar contra o seu capitão. Sobreviveu por quase cinco anos com muita sorte e engenho. Ao retornar à Inglaterra serviu de inspiração para o personagem Robinson Crusoe.

Incansável: Repare quando sair de barco de Puerto Ayora na ilha de Santa Cruz como o mar é revolto. Os ventos e as correntes parecem estar sempre opostos ao movimento da embarcação, seja ao deixar ou voltar ao porto. Acredito que o seu nome em inglês, Indefatigable, reflita isso, pois significa incansável – é preciso um persistente esforço para finalmente ganhar o alto mar.El Niño: As mudanças das monções durante o El Niño fazem a Corrente Humboldt se aquecer, causando o aumento das chuvas. A natureza torna-se verdejante, mas cai a salinidade do oceano, causando a morte de muitos peixes. Sem alimento suficiente, os lobos marinhos e as iguanas sofrem, chegando a desaparecer metade deles. Este desequilíbrio acontece a cada 5-7 anos, tendo o último evento ocorrido em 1997-98.

Observe que existe o fenômeno inverso, a seca causada pelo El Niña.Os Tentilhões de Darwin: São assim chamadas as 14 espécies de pequenos pássaros (finches ou pinzóns) originários de uma única espécie, que chegou a Galápagos 2 a 3 milhões de anos atrás, quando o vulcanismo criara

apenas cinco ilhas. Elas se diferenciaram pelo tamanho e formato de seus bicos, adaptados para diferentes dietas, como sementes, grãos, insetos, ovos ou frutos. Seu estudo foi muito importante para esclarecer a evolução natural. É curioso notar que Darwin sequer percebeu sua diversidade.

Lonesome George: Com mais de cem anos (o que é uma idade até jovem), morreu recentemente a tartaruga gigante nascida na ilha de Pinta, apelidada de Lonesome George ou Jorge Solitário. Era o último de sua espécie, caracterizada por um esguio pescçoço e uma carapaça aberta, que lhe permitia alcançar alimentos altos. Durante 40 anos, ele viveu na Estação Darwin e nunca conseguiu procriar.A Pesca Clandestina: A pesca em Galápagos é apenas artesanal, sem o uso de redes. É proibido pescar comercialmente num raio de 40 milhas dos limites do arquipélago. Apesar disto, é comum a presença de pescadores do Caribe – já os barcos do Equador são todos monitorados. Existe hoje na ilha de Wolf um posto de observação, para proteger as águas do norte. Chegar lá é uma façanha: se você sair hoje, talvez só esteja lá na manhã do dia seguinte.

Ambiente Agredido: Não são apenas os animais domésticos e a pesca ilegal que põem em risco a natureza de Galápagos. Existem outras espécies invasoras, especialmente vegetais (como a goiaba, o quinineo e a amora), insetos (aranhas, vespas e cochonilhas) e aquáticas (tilápias, equinodermos e crustáceos). As florestas nativas têm sido cortadas e a areia local extraída para construções. Novas doenças animais têm surgido e o lixo chega às vezes a ser visível. Mas suspeito (e espero) que as medidas de conservação, tanto do Governo como das ONGs, e o caráter robusto das ilhas deverão continuar protegendo a natureza de Galápagos.



Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes. Editor: Eliseu Frechou Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000. E-mail: contato@montanhismus.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Arquivo Pessoal Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/12/2014.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....).....
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00

139

Total00

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região



LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



DÍAS DE TEMPESTADE
mp4 e wmv

Manuais de Escalada e Montanhismo

Pedra do Baú Itatiaia Serra do Cipó

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



RESISTE!

E você, resiste? Equinox, produtos irresistíveis!



www.equinox.com.br

EQUINOX

Desde 1989 preparando montanhistas para grandes desafios.

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Telefax: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

PROTEÇÃO UV E TRATAMENTO BACTERIOESTÁTICO

CONQUISTA

TECIDO PET DRY
EXTREME COOL
FPS > 50 • EVITA A FORMAÇÃO DE ODORES • PODE SER USADA VÁRIOS DIAS SEGUIDOS, SEM LAVAR.

MASCULINA
FEMININA
MANGA CURTA
MANGA LONGA

www.conquistamontanhismo.com.br | facebook.com/conquistamontanhismo1990

DRY SHIELD



ELEITA PELO GUIA DE EQUIPAMENTOS GO OUTSIDE A MELHOR BOTA TREKKING NA CATEGORIA CUSTO BENEFÍCIO

PRODUZIDA SEM MATERIAIS DE ORIGEM ANIMAL.

CONFORTÁVEL, 100% IMPERMEÁVEL, MALEÁVEL E SEGURA.

NOVA TECNOLOGIA, DESENVOLVIDA EXCLUSIVAMENTE PARA O MELHOR DESEMPENHO NOS MAIORES DESAFIOS.



FOTOS MERAMENTE ILUSTRATIVAS

CONCORRA A UMA

BIKE SNAKE



BASTA CADASTRAR O CÓDIGO QUE ESTÁ JUNTO COM SUA DRY SHIELD NO SITE SNAKE.COM.BR E PARTICIPAR